

OFICINA DE VIOLÃO NOVO ACORDE: O VIOLÃO COMO FERRAMENTA CULTURAL E SUBJETIVANTE

Áreas Temáticas: Cultura e Educação

Gicelma da F. Chacarosqui Torchi¹

Leonardo da Silva Pinto Rodrigues²

RESUMO: O violão é um instrumento difundido entre a população brasileira e há muito tempo já tem seu espaço na música produzida em nosso país, seja um estilo mais complexo e musicalmente estruturado, como a bossa nova, ou de forma mais simples como o sertanejo, ele está lá presente tanto na harmonia quanto na melodia. Dado esse contexto a oficina de vilão foi pensada com o intuito de aproximar a população douradense da possibilidade de aprendizado deste instrumento por intermédio da Universidade Federal da Grande Dourados. Para isso foram ministradas aulas de violão na unidade I da UFGD, que se localiza no centro da cidade e em uma unidade do Rotary que fica em um bairro mais afastado. Foi possível ver a forma como ao decorrer das aulas os alunos começavam a demonstrar interesses particulares no aprendizado do instrumento. Mais de 30 pessoas da comunidade douradense, tanto técnicos da UFGD quanto pessoas de fora da instituição fizeram inscrições na oficina e ao final do ano foram realizadas apresentações onde todos os bolsistas do projeto junto dos seus alunos apresentavam seus avanços ao longo do ano de oficinas.

Palavras-chave: Violão, cultura, subjetividade, extensão

INTRODUÇÃO

O *Bolsa-cultura* é um projeto de extensão da Universidade Federal da Grande Dourados, que oferece oficinas culturais, propostas pelos próprios acadêmicos da instituição, na cidade de Dourados/MS. A oficina de violão *Novo Acorde* busca

¹ Doutora, coordenadora da Coordenadoria de Cultura da Universidade Federal da Grande Dourados

² Discente de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

de forma simples e dinâmica aproximar os alunos de uma experiência com o violão que quebre um pouco a forma com que o espaço, o tempo e até mesmo o corpo é entendido numa relação professor-aluno, quando dentro dum espaço que se entende como um espaço de troca de saberes. (Tragtenberg, 1985).

Ao longo do ano de 2017, com turmas formadas por dez alunos, sendo duas na Unidade I da UFGD localizada ao centro da cidade e uma no Rotary em um bairro periférico, a *oficina de violão Novo Acorde* buscou de forma simples e dinâmica, aproximar os alunos de uma experiência com o violão que faça uma quebra na forma com que o espaço, o tempo e até mesmo o corpo é entendido numa relação professor-aluno, quando dentro dum espaço que se entende como um espaço de troca de saberes. (Tragtenberg, 1985). O objetivo do projeto envolveu compor as turmas com pessoas de diversas faixas etárias a partir dos 14 anos e dar liberdade para que eles pudessem desejar tocar músicas do próprio interesse, sempre havendo um espaço para que se expressassem artisticamente e livremente.

Pensada a partir de uma demanda de várias inscrições para oficinas de violão nos anos anteriores em que o projeto de extensão bolsa-cultura foi ofertado, a oficina fez-se um espaço para troca e aquisição de saberes.

DESENVOLVIMENTO

Num primeiro momento antes do início das oficinas, em reunião, a coordenadora Professora Doutora Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi, após explanar sobre o funcionamento do projeto e algumas datas, solicitou que ao final das oficinas fosse realizada uma breve apresentação num palco cultural que ocorreria no anfiteatro da unidade I, aberto para toda a comunidade douradense.

O início das aulas aconteceu em fevereiro, com uma turma das 19h às 20h e outra das 20:30h às 21:30h, ambas as turmas com dez alunos, sendo a primeira com a menor faixa etária e a segundo um grupo mais heterogêneo. Em todas as turmas o cronograma era o mesmo, sendo nas primeiras quatro semanas uma introdução básica ao violão e sua história, o conceito de harmonia e melodia como partes integrantes e ainda sim individuais na música e por fim o que eram acordes e como compreendê-los dentro de uma breve introdução à teoria musical, como o quê seriam

tons e semitons e como compreendê-los dentro de uma determinada escala, dado como exemplo a escala maior de C (dó).

Após isso foram apresentados todas as posições básicas dos sete acordes maiores e menores. Ao fim de todas as aulas alguns exercícios eram solicitados aos alunos para que realizassem ao longo da semana, ora para melhorar a parte motora da execução do violão com o objetivo de ganhar agilidade e coordenação nos dedos, ora teórica, como escrever as escalas maiores em vários tons diferentes ou descobrir as notas dos acordes.

Dado esse breve período introdutório foi solicitado que os alunos trouxessem de suas casas músicas que eles gostassem de ouvir e que tivessem algum interesse em executá-las. Em ambas as turmas os alunos pareciam acanhados e de início diziam não se recordarem de alguma música que gostariam de tocar, assim, para dar continuidade nas aulas, foram selecionadas algumas canções com até três acordes maiores e algumas vezes alguns menores, dando prioridade para músicas nacionais.

A comunicação se dava a partir de grupos no WhatsApp, aplicativo de mensagens instantâneas que eram enviadas via smartphone. Os alunos menores de idade informaram os telefones de seus pais e assim a comunicação era dada por intermédio deles. Nos grupos, algumas mídias como áudios, imagens de diagramas de acordes e cifras eram enviadas aos alunos que poderiam, quando interessados, compartilhar seus avanços com a turma utilizando-se destes grupos.

Assim se deu num primeiro momento de aulas na oficina que aconteceu até aproximadamente a metade do ano, onde houveram as férias escolares e junto com elas o projeto pausou, dada a demanda dos alunos que disseram que iriam viajar e não poderiam comparecer nas aulas nas próximas semanas.

Voltando às aulas após as férias, o número de alunos diminuiu um pouco no início, sendo que as turmas que antigamente tinham 10 alunos agora eram turmas de 5 a 7 alunos. Não foram solicitadas novas inscrições visto que colocar alunos sem conhecimento do instrumento numa turma que já apresentava avanços na execução poderia dificultar o andamento do projeto tanto para os novos alunos quanto para os que já faziam parte do projeto. Porém, no segundo semestre de 2017 os alunos pareciam mais dispostos a apreender músicas mais elaboradas, com uma pestana ou mais

acordes que eles costumavam não usar. Assim, nas turmas que tiveram aulas ministradas no CEUD se mantiveram até o fim do projeto, aprendendo um total de quatro músicas, o que já era muito mais do que no início, onde eles mal se empenhavam a apreender os acordes maiores simples.

Paralelamente às turmas que aconteciam no CEUD, havia uma turma que se formou no Rotary todas as segundas-feiras. Já havia outra bolsista do projeto ministrando oficinas lá e dada a demanda da procura de inscrições na oficina, meu projeto também foi agregado à essa localidade.

No início as turmas começaram tímidas, com três alunos sendo os três tio e sobrinhos. Algumas semanas depois a turma passou a ter 6 alunos. Todos eles apresentavam um gosto pelo sertanejo universitário como objetivo de aprendizado. Algumas músicas selecionadas por eles eram de fácil execução então foi possível que fossem estudadas ao logo das oficinas.

Segundo Sanceverino (2016) “O papel do(a) professor(a) não se reduz a ser um mero repassador de conhecimentos, mas sim a um mediador, instigador e problematizador”, assim, era possível compreender as dificuldades e instiga-los a melhorarem conforme essas dificuldades surgiam num ambiente onde o aluno não se sentiria envergonhado quando errasse, mas pudesse se empenhar em avançar no desenvolvimento musical.

No final do semestre uma apresentação aconteceu no anfiteatro da unidade I da UFGD, onde um aluno da primeira turma compareceu e tocou uma música. Os outros alunos disseram que não se sentiam confortáveis com a apresentação e preferiram não tocar.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Alain-Didier Weill, em sua obra “A nota azul” (1976), diz que o artista é aquele de quem se espera que dê testemunho, como o analista, embora de modo diferente, de que teve certo acesso ao vazio no Outro, ou seja, ele consegue perceber em si seus desejos e as faltas que acompanham esse desejo, percebendo também nos outros essa falta. Assim, acredita-se que proporcionar a possibilidade de sublimação de impulsos de forma artística seriam meios de conseguir compreender a própria sociedade e usá-la a seu favor. A cultura posta ao sujeito oferta a ele possibilidades

de também se estruturar como esse sujeito. Identificar-se em algumas músicas ou expressar alguns sentimentos que não eram ditos verbalmente foram visíveis ao desenvolver das aulas. Segundo Schopenhauer (apud Lopes, 2006) a música trata-se de uma imediata objetivação, de uma cópia direta de toda vontade.

A oficina atingiu o público desejado e do meio do ano em diante expandiu sua localização para agregar mais participantes e utilizar a instituição como ponte para dar acesso aos meios culturais e expressões artísticas à população.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Coordenadoria de Cultura da UFGD, em especial a Prof^aDtr^a Gicelma, que confiou uma segunda execução do projeto que em 2015 foi recebido pela coordenadora anterior.

Agradeço também aos colegas que ao longo do ano me encorajaram a persistir no projeto e continuar me esforçando para levar o conhecimento do instrumento o mais longe possível.

Por fim agradeço ao Rotary, em especial o Vice-Reitor Prof^o Dtr^o Marcio Eduardo de Barros, que possibilitou a aliança entre as instituições e ajudou quando necessário para que a oficina ocorresse.

REFERÊNCIAS

DIDIER-WEILL, A. A nota Azul: de quatro tempos subjetivantes da música. In: **Nota azul – Freud, Lacan e a Arte**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997. p.57-84.

LOPES, Anchyse Jobim. Afinal, que quer a música?. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 29, p. 73-82, set. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 abr. 2018.

TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. **Lua Nova**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 68-72, Mar. 1985. disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000100021&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 14 Março, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451985000100021>.

SANCEVERINO, ADRIANA REGINA. Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 65, p. 455-475, jun. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000200455&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216524>.